

## 7. Alberto Caeiro

*O essencial é saber ver,  
Saber ver sem estar a pensar*

Alberto Caeiro

*I believe in the flesh and the appetites,  
Seeing hearing and feeling are miracles,  
and each part and tag of me is a miracle<sup>49</sup>*

Walt Whitman

Alberto Caeiro – diferentemente de seu ‘discípulo’ Álvaro de Campos que, logo após a criação de seus poemas, os teve publicados na revista *Orpheu* – só surgiria em 1925, na revista *Athena*, 36 anos após seu ‘nascimento’. Pessoa teria escondido *O Guardador de Rebanhos* durante tanto tempo como um tesouro para um momento mais oportuno, ou por temer qual seria sua repercussão? O fato é que sua estréia, apesar da genialidade que encerrava, causou pouco interesse.

Os 49 poemas que totalizam a obra do poeta foram editados na íntegra, tardiamente, apenas em 1946, no terceiro volume das Obras Completas de Fernando Pessoa editado pela Ática.<sup>50</sup>

Pode parecer no mínimo contraditório que Walt Whitman tenha servido de inspiração a poetas aparentemente diversos como o são Campos e Caeiro. Talvez o próprio Whitman nos possa dar uma explicação para essa dupla e quase incongruente influência, quando diz em *Song of Myself*:

Do I contradict myself?  
Very well then....I contradict myself;  
I am large....I contain multitudes.<sup>51</sup>

<sup>49</sup> Acredito na carne e nos apetites,

Ver e ouvir e sentir são milagres, como é milagre cada parte e migalha de mim.

<sup>50</sup> PESSOA, Fernando. *Obras Completas*. Lisboa: Ática, volume III, 1946.

<sup>51</sup> *Leaves of Grass*, p. 128.

Me contradigo?

Tudo bem, então .... me contradigo;

Sou vasto.... Contenho multidões.

Álvaro de Campos, como já vimos, parece ter-se deixado influenciar pelos aspectos mais exaltados da vida urbana, pelo tom delirante e ditirâmico de Whitman, que incluía extensa amplitude temática, e a urgência de trazer para a sua poesia a totalidade da existência, dos menores aos mais grandiosos aspectos e que, para veiculá-los, tenha criado o Sensacionismo e adotado uma versificação semelhante à que Whitman introduzira.

Paralelamente, observamos que Caeiro, apresentando quase uma réplica reduzida da prosódia de Whitman, utilizando aspectos formais não idênticos, mas bastante próximos aos dele – como os versos livres e irregulares, a construção sintática simples, as frases em ordenação paratática, o uso de construções anafóricas – também se tenha *deitado na relva plantada* por Whitman. Toda essa simplicidade frasal buscaria demonstrar a noção de pretensa objetividade com que constrói os seus versos: “*Pretendo encostar as palavras à idéia / E não precisar dum corredor / do pensamento para as palavras*”. Observemos também no seguinte poema alguns dos aspectos mencionados:

Deito-me ao comprido na erva  
E esqueço tudo quanto me ensinaram.  
O que me ensinaram nunca me deu mais calor nem mais frio.  
O que me disseram que havia nunca alterou a forma de uma coisa.  
O que me aprenderam a ver nunca tocou os meus olhos.  
O que me apontaram nunca estava ali: estava só o que ali estava.<sup>52</sup>

Sobre as sensações na apreensão da realidade, observemos as duas citações que introduzem esse tópico. Elas apresentam um aspecto que, ao mesmo tempo, une e bifurca a visão dos dois poetas estudados. Em Caeiro, o sentido que é primordialmente utilizado, pelo menos segundo a sua intenção, é o da visão, que ele próprio explicita no verso: “*Vi como um danado*”. Inúmeras são as referências em *O Guardador de Rebanhos* a essa função. Essa percepção do mundo através do olhar, encontra-mo-la, por exemplo em:

[...]  
Por que sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura<sup>53</sup>

<sup>52</sup> Todas as citações de textos assinados por Alberto Caeiro foram colhidas do volume: *Poesia Completa de Alberto Caeiro / Fernando Pessoa*; edição Fernando Cabral Martins Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, aqui abreviado pela sigla PCAC, p. 149.

Olho e comovo-me,  
Comoco-me como a água corre quando o chão é inclinado  
E a minha poesia é natural como o levantar-se vento...<sup>54</sup>

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!<sup>55</sup>

[...]

Eu nem sequer sou poeta: vejo.<sup>56</sup>

Também estão presentes nos *Poemas Inconjuntos*:

Sempre que penso uma coisa, traio-a.  
Só tendo-a diante de mim devo pensar nela,  
Não pensando, mas vendo,  
Não com o pensamento, mas com os olhos.<sup>57</sup>

O poeta americano, por sua vez, expande e diversifica suas sensações. Para ele, todas as formas de percepção são utilizadas em sua comunhão com a natureza.

To behold the daybreak!  
The little light fades the immense and diaphanous shadows,  
The air tastes good to my palate.<sup>58</sup>

I hear the bravuras of birds . . . . the bustle of growing wheat . . . . gossip of flames . . . .  
clack of sticks cooking my meals.

I hear the sound of the human voice . . . . a sound I love,  
I hear all sounds as they are tuned to their uses . . . . sounds of the city and sounds out of  
the city . . . sounds of the day and night;<sup>59</sup>

I merely stir, press, feel with my fingers, and am happy,  
To touch my person to some one else's is about as much as I can stand.<sup>60</sup>

---

<sup>53</sup> PCAC, p. 27.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>58</sup> *Leaves of Grass*, p. 78.

Admirar o amanhecer!

A luz fraca dissolve as sombras diáfanas e imensas,

O ar é agradável ao paladar

<sup>59</sup> *Ibidem*, p.81.

Ouço as bravuras dos pássaros .... o crepitar do trigo crescendo .... os cochichos do fogo .... o estalar de gravetos cozinhando minha comida.

Ouço o som da voz humana .... esse som que amo,

Ouço todos os sons enquanto são afinados para o uso .... sons da cidade e sons fora da cidade .... sons do dia e da noite;

<sup>60</sup> *Ibidem*, (p. 82)

Apenas mexo, aperto, sinto com os dedos e fico feliz,

Tocar minha pessoa em outra é o máximo que posso suportar.

## 7.1 A Ética da Simplicidade

Embora, como já vimos, a poesia de Whitman se abra para abarcar todo o universo, sua escolha para título de seu livro, *Leaves of Grass (Folhas de Relva)* não foi direcionada às estrelas ou planetas do longínquo cosmos, e nem mesmo às majestosas árvores e densas florestas, mas à simplicidade orgânica e imediata de um elemento da natureza acessível a todos: a erva que, para mais, cresce rente ao chão, sob os pés. É justamente esta palavra, a simplicidade desse tema, que Caeiro retoma em seus poemas.

Observemos como as palavras ‘relva’ e ‘erva’ – essa última utilizada na tradução do título da versão feita em Portugal de *Leaves of Grass* – aparecem em *O guardador de Rebanhos* como um refrão que, de certa forma, pontua a presença de Whitman e funciona como uma metáfora da filosofia que se pretende ingênua e aparentemente descomplicada, de observador da natureza, adotada por Caeiro. (Nas próximas citações, todos os grifos são nossos)

Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz  
E corre um silêncio pela *erva* fora.<sup>61</sup>

Veio pela encosta de um monte  
Tornado outra vez menino,  
A correr e a rolar-se pela *erva*<sup>62</sup>  
[...]

Por isso quando num dia de calor  
Me sinto triste de gozá-lo tanto,  
E me deito ao comprido na *erva*,<sup>63</sup>

O luar quando bate na *relva*  
Não sei que cousas me lembra...  
[...]  
Para que bate o luar na *relva*?<sup>64</sup>

Vi que não há Natureza,  
Que Natureza não existe,  
Que há montes, vales, planícies,  
Que há árvores, flores, *ervas*,<sup>65</sup>

---

<sup>61</sup> PCAC, p. 17.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 74.

Encontramos também outros exemplos em *Poemas Inconjuntos*:

Quando a *erva* crescer em cima da minha sepultura,<sup>66</sup>

Todas as opiniões que há sobre a Natureza  
Nunca fizeram crescer uma *erva* ou nascer uma flor.  
Fecho os olhos, e o meu corpo, que está entre a *erva*,  
Pertence inteiramente ao exterior de quem fecha os olhos<sup>67</sup>

Deito-me ao comprido na *erva*  
E esqueço tudo quanto me ensinaram.<sup>68</sup>

Em alguns versos de *Song of Myself* há um clima de ingenuidade e pureza que poderia ter sido sugerido a Caetano, pois muito se assemelha ao encontrado em alguns de seus versos:

A child said, What is the grass? Fetching it to me with full hands;  
How could I answer the child?...I do not know what it is any more than he.

I guess it must be the flag of my disposition, out of hopeful green stuff woven.

Or I guess it is the handkerchief of the Lord.  
A scented gift and remembrancer designedly dropped,  
Bearing the owner's name someway in the corners, that we may see and remark, and  
say Whose?<sup>69</sup>

Essa idéia de simplicidade, opondo-se à civilização e à cultura, é um dos temas emblemáticos da poética do bardo americano. Em diversas instâncias, encontra-se em seus poemas a confirmação de tal intenção. Para ele também o poema deveria ser uma experiência direta com a vida, sem a interferência da cultura e do saber institucionalizado, estabelecendo uma ligação imediata com a natureza. Logo no início de *Song of Myself*, ele promete ao leitor esse contato direto e sem intermediações:

---

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 100.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 123.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 149.

<sup>69</sup> *Leaves of Grass*, p. 50.

Uma criança disse, O que é a relva? Trazendo um tufo em suas mãos;

O que dizer a ela? .... sei tanto quanto ela o que é a relva.

Vai ver é a bandeira do meu estado de espírito, tecida de uma substância de esperança verde.

Vai ver é o lenço do Senhor,

Um presente perfumado e o lembrete derrubado por querer,

Com o nome do dono bordado no canto, para que possamos ver e examinar e dizer de Quem é?

Stop this day and night with me and you shall possess the origin of all poems,  
 You shall possess the good of the earth and sun . . . there are millions of suns  
 left,  
 You shall no longer take things at second or third hand . . . nor look through the eyes  
 of the dead . . . nor feed on the spectres in books,  
 You shall not look through my eyes either, nor take things from me,  
 You shall listen to all sides and filter them from yourself.<sup>70</sup>

Em outra passagem de *Song of Myself*, observa-se essa valorização dos sentidos sobre o intelecto, que tantas vezes aflora também no poeta-pastor.

Oxen that rattle the yoke or halt in the shade, what is that you express in your  
 eyes?  
 It seems to me more than all the print I have read in my life.<sup>71</sup>

Ou ainda nos seguintes versos:

Logic and sermons never convince,  
 The damp of the night drives deeper into my soul.<sup>72</sup>

A morning-glory at my window satisfies me more than the metaphysics of  
 books.<sup>73</sup>

Caeiro aproveitou de Whitman o lado mais tranquilo e contente, e absorveu esses aspectos temáticos relacionados ao ‘culto da natureza’, à idéia de oposição ao Conhecimento que afasta o homem da pureza de ser e de sentir, porém revistos, ampliados e mais profundamente intelectualizados. Os mesmos versos brancos, porém mais curtos e inseridos em poemas de extensão bem menor, seriam mais condizentes com a tranqüilidade e comedimento que aparentemente encerram. Aparentemente, pois

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 46.

Fique este dia e esta noite comigo e você vai possuir a origem de todos os poemas,  
 Vai possuir o que há de bom da terra e do sol .... sobrarão milhões de sóis,  
 Nada de pegar coisas de segunda ou de terceira mão .... nem de ver através dos olhos dos mortos, .... nem  
 de se alimentar dos espectros nos livros,  
 E nada de olhar através dos meus olhos, nem de pegar coisas de mim,  
 Você vai escutar todos os lados e filtra-los a partir de seu eu.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 58.

Bois que chacoalham a canga e as correntes ou param na sombra, o que dizem seus olhos?  
 Pra mim isso diz mais que todos os artigos que já li.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 85.

Lógica e sermões não são convincentes  
 O sereno da noite penetra mais fundo em minha alma.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 78.

A ipoméia na janela me dá mais prazer que a metafísica dos livros.

se sabe que o que nega a todo instante – o pensamento, a intelectualização, a metafísica, a filosofia – é justamente o que faz em seus poemas. (Afinal, não se pode esquecer que, enquanto Walt Whitman é Walt Whitman, Caeiro é ao fim e ao cabo, Fernando Pessoa.)

Pensar incomoda como andar à chuva  
Quando o vento cresce e parece que chove mais.<sup>74</sup>  
[...]

Creio no mundo como num malmequer,  
Porque o vejo. Mas não penso nêle  
Porque pensar é não compreender...  
O Mundo não se fêz para pensarmos nêle  
(Pensar é estar doente dos olhos)  
Mas para olharmos para êle e estarmos de acôrdo...<sup>75</sup>

[...]  
Ah, como os mais simples dos homens  
São doentes e confusos e estúpidos  
Ao pé da clara simplicidade  
E saúde em existir  
Das árvores e das plantas!)<sup>76</sup>

A idéia contida no poema número V, que sintetiza muito bem essa postura não/filosófica, possivelmente inspirada por Whitman, permeia o seu rebanho de pensamentos:

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?  
Sei lá o que penso do mundo!  
Se eu adocesse pensaria nisso.

Que idéia tenho eu das cousas?  
Que opinião tenho sôbre as causas e os efeitos?  
Que tenho eu meditado sôbre Deus e a alma  
E sôbre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos  
E não pensar. É correr as cortinas  
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

[...]

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?  
A de serem verdes e copadas e de terem ramos

<sup>74</sup> PCAC, p. 16.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p.22.

E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,  
 A nós, que não sabemos dar por elas.  
 Mas que melhor metafísica que a delas,  
 Que é a de não saber para que vivem  
 Nem saber que o não sabem?

“Constituição íntima das cousas”...

“Sentido íntimo do Universo”...

Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.

É incrível que se possa pensar em cousas dessas.

É como pensar em razões e fins

Quando o comêço da manhã está raiando, e pelos lados das arvores

Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das cousas

É acrescentado, como pensar na saúde

Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das cousas

É elas não terem sentido íntimo nenhum.<sup>77</sup>

No prefácio de Whitman para a primeira edição de *Leaves of Grass*, antevê-se a forte ligação temática com o culto da natureza e a apologia da simplicidade. A arte, para ele, deveria ser um meio de expressão da vida simples e desprovida de artifícios, um espelho da própria natureza, para, assim, atingir o seu *trunfo*. Tal idéia é expressa até mesmo em sua linguagem corporal e na maneira despojada em que se veste na foto que ilustra o livro.

But to speak in literature with the perfect rectitude and insouciance of the movements of animals and the unimpeachableness of the sentiment of trees in the woods and grass by the roadside is the flawless triumph of art.<sup>78</sup>

Whitman fez a exegese de sua obra, anonimamente, tendo como principal objetivo promover seu livro e defendê-lo dos ataques lançados contra ele. Fernando Pessoa e seus heterônimos dialogavam entre si, e, da mesma forma, recorreram a empreitadas exegéticas para analisar as obras uns dos outros. Em *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*, no capítulo intitulado: “*Para a compreensão de Alberto Caeiro*”, Ricardo Reis compara Whitman a Caeiro, afirmando que o último:

<sup>77</sup> *Ibidem.*, p. 23.

<sup>78</sup> *Leaves of Grass*, p. 22.

Mas falar de literatura com a perfeita integridade e espontaneidade encontradas nos movimentos dos animais e com o irrepreensível sentimento das árvores na floresta e da relva à beira da estrada é o triunfo infalível da arte.

Difere de todos os poetas de maneira diferente daquela em que todos os grandes poetas são diferentes de outros grandes poetas. A sua individualidade possui-a ele de maneira diferente da de todos os poetas que o precederam. Whitman é bem inferior a esse respeito. Para explicar Whitman, mesmo numa base em que se lhe reconheça toda a originalidade concebível, basta-nos pensar nele como alguém que viveu [amou?] intensamente a vida, e daí brotam os seus poemas como flores de uma moita.<sup>79</sup>

Nesse mesmo volume, a presença de Whitman é explicitamente admitida em vários momentos. Ricardo Reis, em sua análise, afirma que Caeiro se parece com pouquíssimos poetas: Whitman, Francis Jammes e Teixeira de Pascoaes, mas conclui: “Com quem mais se parece é com Whitman.” E mais adiante, nos diz: “Como Whitman, Caeiro nos deixa perplexos”.

Essa perplexidade advém de vários fatores, sendo, possivelmente, como afirma Reis, proveniente do espanto que se tem diante da contemplação do novo. A idéia de uma poesia totalmente objetiva, ainda que saibamos que essa total objetividade, afinal de contas, não tenha sido atingida por Caeiro, é um dos toques de originalidade pretendidos pelo poeta.

Tal concepção surge repetidas vezes no Prefácio de Whitman. Há trechos nos quais se tem a nítida impressão de que o poeta americano está definindo a intenção da poética de Caeiro. Por exemplo, ao dizer:

The art of art, the glory of expression and the sunshine of the light of letters is simplicity. Nothing is better than simplicity . . . nothing can make up for excess or for the lack of definiteness.<sup>80</sup>

Em um poema de *O Guardador de Rebanhos*, encontramos idéia bem próxima a esta:

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!  
O único mistério é haver quem pense no mistério.  
Quem está ao sol e fecha os olhos,  
Começa a não saber o que é o sol  
E a pensar muitas cousas cheias de calor,  
Mas abre os olhos e vê o sol,  
E já não pode pensar em nada,  
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos  
De todos os filósofos e de todos os poetas.<sup>81</sup>

<sup>79</sup> PESSOA, 1966, p. 345.

<sup>80</sup> *Leaves of Grass*, p. 220.

A arte das artes, a glória da expressão e os raios solares da luz das letras estão na simplicidade. Nada é melhor do que a simplicidade .... nada pode compensar o excesso ou a indefinição.

<sup>81</sup> PCAC, p. 23.

Talvez o contato com a natureza – sem o intermédio do pensamento que tudo intelectualiza - pretendido por Caeiro, mas que, como se sabe, não atingido, tenha, na verdade, encontrado seu cantor nos versos de menor intensidade metafísica e ainda portadores de resquícios românticos de Whitman. Homem mais simples e que realmente tinha um contato mais intenso e direto com os campos, tão próximos do Brooklyn onde vivia, como ele mesmo admitia e pretendia, não era um homem das letras ligado à intelectualidade da época. Tencionava ser um canal direto da natureza para aqueles que o lessem. Queria que o que ele assumisse, os leitores também assumissem, como nos convida a fazer logo no início de “*Song of Myself*”:

I celebrate myself,  
And what I assume you shall assume,  
For every atom belonging to me as good belongs to you.<sup>82</sup>

Reforça essa idéia o que nos ensina Paul Zweig em seu livro *Walt Whitman. A formação do poeta*:

... pois sempre insistiu em que não era um literato, adequadamente instruído numa universidade e em viagens ao exterior, escorado pela diligente leitura de bons livros. *Quando falava, era a natureza humana desprovida de adornos que falava*<sup>83</sup>. (o grifo é nosso)

Assim, parece-nos que toda a pureza e simplicidade metafísica buscadas junto à natureza, e não alcançadas por Caeiro, podem ter tido como fonte os poemas whitmanianos, para produzir, consciente ou inconscientemente, um sentimento bem próximo das idéias de Whitman. Talvez devido ao fato de o poeta americano ter chegado mais perto da atitude pretendida por Caeiro, este tenha-o absorvido e transformado, pois, ao final, sabemos que seus pensamentos não ficaram circunscritos à sua vontade de ser mero observador e que, na verdade, “*as ovelhas tresmalharam-se pela encosta*”.

Para concluir, recorreremos mais uma vez a Fernando Pessoa, que – nesse trecho até pouco inédito de autoria de Álvaro de Campos, fazendo o usual jogo bem-humorado

<sup>82</sup> *Leaves of Grass*, p. 45.

Eu celebro a mim mesmo,  
E o que eu assumo você vai assumir,  
Pois cada átomo que pertence a mim pertence a você.

<sup>83</sup> ZWEIG, Paul. *Walt Whitman, A Formação do Poeta*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.

de sua múltipla personalidade, – brinca com o tema de que aqui tratamos, ora admitindo a influência que Caeiro recebeu, ora negando-a:

Differences between Whitman and Caeiro are clear:  
 Caeiro is clear; Whitman is confused, muddled.<sup>84</sup>  
 Caeiro is a subtler rhythmist than Whitman.  
 Caeiro is far more than an intellectual than Whitman.  
 We are convinced there is no influence at all.<sup>85</sup>

Podemos concordar ou não com a peremptória afirmativa de Campos, mas um aspecto nos parece bem definido: não há como camuflar a revolução operada na vida artística de Pessoa pelo poeta da democracia, seja em Álvaro de Campos, seja em Alberto Caeiro. Será de fato contraditória a influencia de Whitman em poetas tão diferentes como Campos e Caeiro? Talvez, mas parece que a contradição, encontramos também em Whitman. Se nele não vemos a presença explícita dos heterônimos utilizados por Pessoa, percebemos, no entanto, sua intrínseca multiplicidade, que aparece ao final de *Song of Myself*, e a que já nos referimos anteriormente.

---

<sup>84</sup> indefinido

<sup>85</sup> São claras as diferenças entre Whitman e Caeiro; / Caeiro é claro, Whitman é confuso, indefinido / Caeiro possui um ritmo mais sutil que Whitman. / Caeiro é muito mais intelectual que Whitman. / Estamos convencidos de que não há absolutamente nenhuma influência. (tradução nossa)